
"TODO TREM DA SUPERVIA TEM UM POUCO DE NAVIO NEGREIRO": ENTEXTUALIZAÇÕES COLONIAIS NO COTIDIANO BRASILEIRO

DOUGLAS FIRMINO DOS SANTOS ¹
DANDARA OLIVEIRA ²

RESUMO

Observando interações que constituem o cotidiano brasileiro, levantamos o seguinte questionamento: como o colonialismo ainda interfere profundamente nas realidades racializadas de nosso país? Visando responder a essa pergunta, o presente texto se propõe a refletir acerca do Brasil atual analisando relações entre vida cotidiana e escravidão articuladas por vozes racializadas. Debruçamo-nos sobre narrativas que significam situações do dia a dia como encenações coloniais em virtude de entextualizações da escravidão. As análises apontam que o arquivo colonial vem sendo iterado no Brasil contemporâneo através de performances racistas. Entretanto, tais performances são contestadas por pessoas racializadas, que negociam e disputam sentidos a respeito dessas performances, recontextualizando acontecimentos diários. Entendemos que os dados aqui apresentados abordam a escravidão não como uma banalidade, ou um mero processo histórico, mas como uma incessante ameaça à vida de corpos racializados.

Palavras-chave: Entextualização. Colonialismo. Escravidão. Racismo.

ABSTRACT

Observing the interactions that make up Brazilian daily life, we raise the following question: how does colonialism still profoundly interfere in the racialized realities of our country? In order to answer this question, this text sets out to reflect on present-day Brazil by analyzing the relationship between everyday life and slavery as articulated by racialized voices. We look at narratives that signify everyday situations as colonial reenactments due to entextualizations of slavery. The analysis shows that the colonial archive is being iterated in contemporary Brazil through racist performances. However, these performances are contested by racialized people, who negotiate and dispute meanings about these performances, recontextualizing daily events. We understand that the data presented here addresses slavery not as a banality, or a mere historical process, but as an incessant threat to the lives of racialized bodies.

Keywords: Entextualization. Colonialism. Slavery. Racism.

RESUMEN

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: douglasfirmينو.santos@gmail.com

² Mestranda do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PIPGLA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Email: dandaralvr@gmail.com

Observando las interacciones que componen la vida cotidiana brasileña, nos formulamos la siguiente cuestión: ¿de qué manera el colonialismo sigue interfiriendo profundamente en las realidades racializadas de nuestro país? Para responder a esta pregunta, este texto se propone reflexionar sobre el Brasil actual analizando la relación entre la vida cotidiana y la esclavitud articulada por voces racializadas. Se examinan las narrativas que significan situaciones cotidianas como recreaciones coloniales debido a entextualizaciones de la esclavitud. Los análisis muestran que el archivo colonial se itera en el Brasil contemporáneo a través de performances racistas. Sin embargo, estas performances son impugnadas por personas racializadas, que negocian y disputan significados sobre estas performances, recontextualizando acontecimientos cotidianos. Entendemos que los datos aquí presentados abordan la esclavitud no como una banalidad, o un mero proceso histórico, sino como una amenaza incesante para la vida de los cuerpos racializados.

Palabras clave: Entextualización. Colonialismo. Esclavitud. Racismo.

INTRODUÇÃO

“[...] O mundo branco, o único honesto, rejeitava minha participação. De um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos uma conduta de preto. Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, que encolhesse.”

(Fanon, 2008, p. 107)

Lendo³ a “Carta à leitora preta do fim dos tempos” de Jota Mombaça e Musa Michelle Mattiuzzi, vejo a pergunta “099. ‘E se concomitantemente ao tempo do mundo ao qual conhecemos houvesse uma dimensão em que violência colonial não fosse encenada?’ Gabi Ngcobo” (2019, p. 27). Penso que gostaria de viver essa realidade, pois *minha* realidade, da colonialidade e da violência perpassando cada segundo, é exaustiva e extenuante. Durmo.

Agora é oito de janeiro de 2024. Pela manhã, após acordar, peguei o celular e fui conferir minhas redes sociais, como faço de costume. Ao abrir o X (Twitter), que considero uma rede social interessantíssima em virtude de seus esquemas de interação, uma postagem que compartilha um vídeo⁴ recriminando um atual movimento imigratório em Portugal prendeu minha atenção. Nele, um homem branco, jovem, e, suponho,

³ O presente artigo, apesar de escrito por duas pessoas, faz uso da primeira pessoa do singular. Tal escolha, além de estilística, pretende conservar algumas das experiências e anotações individuais que foram mobilizadas para a construção deste texto.

⁴ Optamos por não divulgar os links que direcionam para a postagem mencionada no X (Twitter) a fim de preservar a identidade e a integridade dos usuários que interagiram com o post, assim como o usuário que fez o post.

português, caminha pelo que diz ser o centro histórico de Lisboa convocando a audiência para assistir a uma reportagem intitulada "A grande invasão". Aparentemente, a reportagem tem como propósito lançar luz a uma suposta gentrificação reversa a que Portugal estaria sendo submetida em virtude do alto índice de imigrantes paquistaneses no país.

É dito no vídeo que Portugal está sendo "colonizada pelo Terceiro Mundo" — ao fundo, uma série de corpos que fenotípicamente destoam do seu atribuem um senso de veracidade à declaração. Essa tentativa de denúncia me faz lembrar, imediatamente, da interpretação de Achille Mbembe sobre os tempos atuais: estamos mergulhados “[...] num sonho alucinatório, o da ‘comunidade sem estrangeiros’” (Mbembe, 2020, p. 19).

Nos fios da postagem, comentários a favor ressoam um nacionalismo que defende o purismo de sua nação. Já de um outro lado, há fios que culpabilizam Portugal pelo alto movimento migratório, sendo isso uma "[consequência] dos crimes que cometeram", como pode ser visto no print⁵ abaixo:

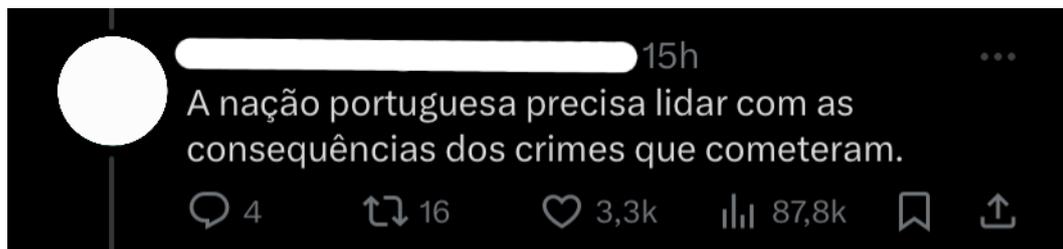


Imagem 1 — Fonte: X (Twitter).

Aqui, finalmente, vi justificativa para o vídeo parar em minha *timeline*, dado que ele foi postado por uma página cujos posicionamentos ideológicos divergem dos meus. A palavra "crime", acima mencionada, no contexto em que foi utilizada, faz sentido para mim, pois, imediatamente, a relaciono à escravização. Em minha leitura, a dita "colonização do Terceiro Mundo" de Portugal nada mais seria que um movimento provocado pelo projeto colonizador protagonizado por esse e outros países europeus para dar forma ao que é reconhecido como Primeiro Mundo, enquanto países de outros continentes por eles explorados são reconhecidos como Terceiro Mundo, lugar em que a humanidade é insistentemente negada, pois não está de acordo com a epistemologia ocidental.

⁵ Por questões éticas, foram ocultados dados dos perfis (fotos e *usernames*) que permitissem a identificação dos usuários.

Tendo isto em vista, a colonização do imaginário ajudou a consolidar o entendimento de que o Terceiro Mundo possui uma origem bestial, animalesca, que, quando não pode ser adestrada, é exterminada. No entanto, é possível que "crime" não tenha o mesmo sentido para outros como para mim. Em uma resposta ao comentário "A nação portuguesa precisa lidar com as consequências dos crimes que cometeram", lê-se:



Imagem 2 — Fonte: X (Twitter).

Vemos, então, um embate discursivo que orienta disputas de significados acerca da escravidão — para alguns, através de uma premissa de naturalidade, é entendida como processo histórico, o que seria uma tentativa de apagamento das possibilidades de desestabilizar certos sentidos, mas a iterabilidade do arquivo colonial⁶ por vezes racializadas permite que o que Christina Sharpe (2023) chama de *vestígio* seja aludido para estabelecer coerência a certas experiências de vida.

Quando pessoas racializadas proclamam o direito de fala, o vestígio (Sharpe, 2023) pode se tornar aparente para relatar o que se vive e como se vive, dado que é um quadro conceitual que fornece um "meio de compreender como as violências da escravização emergem nas condições contemporâneas de dimensões espaciais, legais, psíquicas e materiais e em outras dimensões da (não) existência Negra" (Sharpe, 2023, p.

⁶ De acordo com Derrida (1991), o processo de atribuição de sentido se dá pela repetição. O filósofo se opõe a uma ideia de intencionalidade, em que um significado é estabelecido em função de uma intenção do falante, como um ato perlocucionário, conforme caracterizado por Austin (1990). Para Derrida (1991), um significado não depende de intenções, pois ele pode existir mesmo com a possibilidade de morte de seu destinatário — o que importa é a capacidade de repetição. Ao se observar a repetição, é possível identificar marcas, rastros, que estão imbricados em todo código. De tal modo, na ausência se faz a presença — nisto consiste o conceito de iterabilidade. A iterabilidade não se baseia na manutenção de uma mesmidade (pois é um processo altamente instável), mas na inauguração do novo, que atualiza a relação de um signo com os contextos sócio-histórico-culturais que o subjazem. Portanto, iterar é repetir algo, mas sempre de um modo diferente, ainda assim, podendo-se aludir a uma presença apesar de uma presumida ausência. Isto posto, entendemos que a iterabilidade do arquivo colonial consiste em uma repetição de discursos que atualizam um regime colonial de significados sobre pessoas racializadas na contemporaneidade que regulam entendimentos acerca do corpo racializado que o destitui de sua humanidade.

19). Logo, vestígio é um modo de enquadramento do real que significa certas práticas como mecanismos reguladores de entendimentos acerca do racismo, sendo, então, violências que atualizam a subjugação do corpo racializado no cotidiano, legado decorrente da escravização, e não meros eventos banais do dia a dia.

O vestígio, então, enquanto quadro conceitual, propõe um exercício crítico-analítico que não só projeta percepções acerca do que chamamos de realidade social, como simultaneamente a cria e é criado por ela, levando em consideração as ondas de violência deixadas pelos navios negreiros, rastros de políticas de morte que têm a cor da pele como alvo de suas ações. No Brasil, acredito, esses rastros, essas relações indexicais⁷, em certos casos, caracterizam nosso país enquanto um lugar inóspito para vidas negras — tão inóspito a ponto de relações diretas com a escravidão serem feitas. Tão inóspito ao ponto de assassinatos serem cometidos diariamente. Tão inóspito ao ponto de um jovem entregador negro do iFood ser baleado por um policial militar que não queria ir até a portaria para buscar seu pedido⁸.

A partir do meu contato com uma matéria intitulada "Todo trem da Supervia tem um pouco de navio negreiro"⁹, reflito sobre as dinâmicas sociais que perpassam corpos negros no Brasil. Na matéria, há uma equiparação entre o meio de transporte e um navio negreiro. Mas por que associações entre contemporaneidade e escravidão são feitas a partir do cotidiano de pessoas negras livres? Como articulações entre vida cotidiana e escravidão são traçadas e o que se faz com elas? Neste trabalho, me atento a como se dá a construção de narrativas racializadas tomando o vestígio como quadro conceitual para

⁷ Relações indexicais são formas de estabelecer conexões entre signos e significados, portanto, uma forma de produzir de sentido. Essa reflexão (Silverstein, 1976) é inspirada nos estudos de Charles Sanders Peirce, que caracterizou os signos linguísticos em três grupos: 1) o dos ícones, signos que se relacionam com o que representam por semelhança direta; 2) o dos símbolos, signos que se relacionam com o que representam por convenção social; e 3) o dos índices, signos que projetam uma referência (Danesi, 2004, p. 27). O movimento de referência, ou seja, de estabelecer relações indexicais, é sempre perspectivado por ideologias, que orientam discursos, que são atravessados por dinâmicas de poder.

⁸ Cf.: "PM atira em entregador no RJ pois não queria ir até a portaria para buscar o pedido." Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/PM-atira-em-entregador-no-RJ-pois-nao-queria-ir-ate-a-portaria-para-buscar-o-pedido?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=Newsletter>. Acesso em 20 mar. 2024.

⁹ Cf.: "Todo trem da Supervia tem um pouco de navio negreiro." Disponível em: <<https://rioonwatch.org.br/?p=53323>>. Acesso em 01 nov. 2023.

entender os enquadramentos de inteligibilidade¹⁰ que estão em jogo no processo e que pistas eles nos fornecem sobre a sociedade em que vivemos.

"TODO TREM DA SUPERVIA TEM UM POUCO DE NAVIO NEGREIRO": SOBRE (VI)VER (N)O VESTÍGIO

"Enraizando o antirracismo nas favelas: desconstruindo narrativas sociais sobre racismo no Rio de Janeiro" é uma série jornalística que integra o projeto RioOnWatch e tem como objetivo, de acordo com informações disponíveis online¹¹, "um debate contra o racismo de dentro para fora, com foco nas vozes das favelas do Rio, tendo como meio o jornalismo comunitário para provocar o diálogo urgente que precisamos" (2021). Ou seja, o projeto se propõe a discutir o racismo com base em narrativas de pessoas que o presenciam e/ou o vivenciam cotidianamente. Isso é importante porque há ideologias que defendem que não há racismo no Brasil — tais ideologias andam acompanhadas, por exemplo, de discursos biologizantes que categorizam a raça humana como uma só, endossando que não há racismo em nosso país porque seríamos biologicamente iguais. No entanto, não somos todos iguais.

É importante pontuar que, como sabemos, o racismo é um fenômeno discursivo, haja vista que “a raça não existe enquanto fato natural, físico, antropológico ou genético” (Mbembe, 2022, p. 28), mas sim como “um complexo perverso, gerador de temores e tormentos, de perturbação do pensamento e de terror, [e] sobretudo de infinitos sofrimentos e, eventualmente, de catástrofes” (Mbembe, 2022, p. 27). Sendo assim, raça é construção sociopolítica e histórica, que se dá por e pelo discurso, provocando como efeito a espoliação do corpo negro.

Há não muito tempo, no dia nove de abril de 2023, dois entregadores associados ao aplicativo iFood, Viviane Maria de Souza Teixeira e Max Ângelo dos Santos, foram agredidos verbal e fisicamente por Sandra Mathias Correia de Sá, em São Conrado, no Rio de Janeiro. As agressões ocorreram porque Sandra se incomodou com a presença dos entregadores no bairro — por não pagarem IPTU, aquele não era o lugar deles, dá a

¹⁰ Compreendemos enquadramentos de inteligibilidade como um modo de regular e distribuir critérios de reconhecimento, que são atravessados por dinâmicas de sociabilidade, comunicação, poder e produção de significado, que tecem sentidos sobre valoração de vida e morte. O conceito é apropriado de Butler (2015).

¹¹ Cf.: "Enraizando o antirracismo nas favelas: desconstruindo narrativas sociais sobre racismo no Rio de Janeiro." Disponível em: <<https://rioonwatch.org.br/?p=52766>>. Acesso em 08 jan. 2024.

entender Sandra em registros gravados¹². Além de socar os trabalhadores, Sandra utilizou uma coleira para agredir Max.

Em declaração dada à TV Globo no dia do ocorrido, Max diz¹³: “Ela me tratou como se eu fosse escravo. Só que ela está esquecendo que o tempo da escravidão já acabou há muitos anos”. Alguns dias depois, ao ser procurado pela emissora novamente, Max afirma¹⁴: “Parecia que ela estava chicoteando um escravo que não fez o serviço direito. Mas eu não sou escravo, entendeu? O tempo da escravidão já acabou.” Em suas falas, Max contesta a encenação colonial em curso, visando se distanciar da performance¹⁵ colonial articulada pela agressora racista, ao mesmo tempo que sinaliza estar ciente dela. Assim, ele parece buscar se afastar discursivamente da figura do escravizado, afirmando que esse tempo já passou, ao mesmo tempo em que interpreta a chicotada enquanto uma cena de açoite.

A entextualização¹⁶ repetida da escravidão, ou seja, a contextualização do ocorrido enquanto um retrato colonial em suas duas falas para a TV Globo, não deixa escapar uma conexão que une espaços-tempos que parecem estar cronologicamente distantes — como afirma Grada Kilomba (2019, p. 29), “o racismo cotidiano incorpora uma cronologia que é atemporal”. Algo parecido ocorreu em uma capa do Jornal Extra.

¹² Cf.: “Investigada por injúria, mulher usa coleira de cachorro para agredir entregadores no Rio.” Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qlyP9XVU--I>>. Acesso em 10 jan. 2024.

¹³ Cf.: “Mulher é acusada de lesão corporal e injúria em São Conrado: ‘Como se eu fosse escravo’, diz entregador atingido nas costas por coleira.” Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/04/10/mulher-e-acusada-de-lesao-corporal-e-injuria-em-sao-conrado-como-se-eu-fosse-escravo-diz-entregador-atingido-nas-costas-por-coleira.ghtml>>. Acesso em 08 jan. 2024.

¹⁴ Cf.: “‘Parecia que ela estava chicoteando um escravo que não fez o serviço direito’, diz entregador agredido por mulher em São Conrado.” Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/04/11/parecia-que-ela-estava-chicoteando-um-escravo-que-nao-fez-o-servico-direto-diz-entregador-agredido-por-mulher-na-zona-sul-do-rio.ghtml>>. Acesso em 08 jan. 2024.

¹⁵ O conceito se relaciona diretamente com a definição de gênero de Butler (2010): “a estilização repetida de corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida” (Butler, 2010, p. 59). A performatividade de gênero só é possível a partir da aplicação de certas regras, que são subvertidas, desde que conhecidas, em contextos de interação. Entendemos, performance, então, enquanto um ato que consiste no domínio e na aplicação de um repertório sócio de uma determinada cultura e/ou grupo social para produzir significados a partir do corpo.

¹⁶ Entextualização é por nós compreendida enquanto um movimento semiótico de contextualização, uma forma de atribuir sentido a partir de negociações feitas por participantes de uma interação. Nesse sentido, o contexto não é definido por um cenário social e físico, mas por interpretações colocadas em jogo interacionalmente (Bauman; Briggs, 2006 [1990], p. 200), sendo um elemento complexo criado no momento de um encontro social, sempre perspectivado.

Na manhã do dia 15 de abril de 2009, agentes da Supervia, concessionária responsável pela administração da malha ferroviária urbana do Estado do Rio de Janeiro, agrediram passageiros com socos, chutes, e, também, chicotadas. A ação violenta ocorreu na estação de Madureira em virtude da superlotação de um dos trens — para evitar acidentes, os maquinistas recebem a orientação de dar prosseguimento à viagem, após paradas, apenas com as portas fechadas, o que na situação em específico não se fazia possível. Com isso, passageiros a bordo foram chicoteados com cordas de apito¹⁷. No dia seguinte, o Jornal Extra, um dos jornais de maior circulação no município do Rio de Janeiro, estampou em sua capa uma foto da agressão junto à pintura "Feitores açoitando negros na roça", de Debret, com os dizeres em caixa alta: "O chicote está de volta. Seguranças da Supervia agem como feitores e são flagrados castigando trabalhadores em trens".

¹⁷ Cf.: "Suspeitos de chicotear passageiros em trem são indiciados; Supervia, 2009." Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KM45d_zEQj8&t=2s&ab_channel=satlo1>. Acesso em 08 jan. 2024.

RIO DE JANEIRO, 1828



NO QUADRO "Feitores açoitando negros na roça", de 1928, Debret retrata a violência contra os escravos: cena parecida a que foi flagrada ontem na estação de Madureira

RIO DE JANEIRO, 2009



O CHICOTE ESTÁ DE VOLTA

SEGURANÇAS DA SUPERVIA AGEM COMO FEITORES E SÃO FLAGRADOS CASTIGANDO TRABALHADORES EM TRENS



A POLÍCIA APREENDEU o apito de um dos seguranças, que foi usado como chicote a para açoitar os passageiros

dos ferroviários.

HISTÓRIA

■ O repórter cinematográfico Eduardo Torres, da TV Globo, registrou ontem uma cena que, imaginava-se, estava limitada aos livros de história: pessoas sendo castigadas com chicotadas no Rio de Janeiro. As imagens foram gravadas na estação de trem de Madureira. Quatro agentes de segurança da SuperVia chutaram, deram socos e usaram a corda do apito como chicote, para atacar passageiros em trens superlotados por causa da greve

PÁGINAS 3 E 4

Imagem 3 — Fonte: Jornal Extra.

Na capa¹⁸, lê-se:

No quadro "Feitores açoitando negros na roça", de 1828, Debret retrata a violência contra os escravos: cena parecida a que foi flagrada ontem na estação de Madureira.

O CHICOTE ESTÁ DE VOLTA

SEGURANÇAS DA SUPERVIA AGEM COMO FEITORES E SÃO FLAGRADOS CASTIGANDO TRABALHADORES EM TRENS

¹⁸ Cf.: Acervo digital do Jornal Extra. Capa de 16 de abril de 2009. Disponível em: <<https://extra.globo.com/acervo/#>>. Acesso em 21 mar. de 2024.

O repórter cinematográfico Eduardo Torres, da TV Globo, registrou ontem uma cena que, imaginava-se, estava limitada aos livros de história: pessoas sendo castigadas com chicotadas no Rio de Janeiro. As imagens foram gravadas na estação de trem de Madureira. Quatro agentes de segurança da Supervia chutaram, deram socos e usaram a corda do apito como chicote, para atacar passageiros em trens superlotados por causa da greve dos ferroviários.

HISTÓRIA

A situação lembrou os quadros do pintor francês Jean Baptiste Debret, que viveu no Rio há quase duzentos anos. O artista retratou a violência contra escravos cometida por feitores, definidos por Debret como irascíveis (irritados) e vingativos. A Supervia admitiu que os agentes perderam o controle — ou seja, foram irascíveis — e demitiu os envolvidos. A greve entra no quarto dia.
PÁGINAS 3 E 4.

O colonialismo, a colonialidade¹⁹, a escravidão e o racismo estão imbricados. Mas não teria o tempo da escravidão acabado, como pontuou Max? Tomemos a matéria "Todo trem da Supervia tem um pouco de navio negreiro" — escrita por Fabio Leon e publicada em três de fevereiro de 2021 como parte da série "Enraizando o antirracismo nas favelas: desconstruindo narrativas sociais sobre racismo no Rio de Janeiro" da RioOnWatch — para elaborar uma resposta, já que é difícil simplesmente dizer "sim" ou "não".

Uma imagem muito significativa acompanha o título do texto — nela, rostos tristes e abatidos dão contornos a corpos espremidos e acorrentados em um vagão de transporte público. Quando analisamos essa pintura junto ao título do texto, fica claro que o trem, nesse contexto, funciona como um signo que remonta, na atualidade, uma tecnologia colonial de expropriação e controle de corpos racializados: o navio negreiro.

¹⁹ Há uma diferenciação teórica entre colonialismo e colonialidade, o que produz o entendimento dos termos enquanto conceitos diferentes. A colonialidade é constituída pelos "padrões de poder de longa data que surgiram como resultado do colonialismo, mas que definem a cultura, o trabalho, as relações intersubjetivas e a produção de conhecimento muito além dos limites estritos das administrações coloniais" (Maldonado-Torres, 2011, p. 2 *apud* Borba; Milani, 2019, p. 1). Nesse sentido, colonialismo é a conflagração de um momento histórico que deixou um legado que é vivido na atualidade.



Imagem 4 — Fonte: RioOnWatch.

A imagem foi desenhada pela artista Raquel Batista e é um retrato de uma narrativa contada por Kelly Martins, usuária dos trens que concedeu entrevista a Fabio. Kelly diz:

Esse é um modelo de transporte público em que o racismo está em todos os lados. Desde os passageiros, até os trabalhadores ambulantes informais. São quase todos negros. E você pode fazer uma analogia com a escravidão. Há um certo tempo, os trens tinham um instrumento que impossibilitava a gente de cair no chão, que eram as "chupetas" (grandes argolas metálicas com as quais os passageiros em pé se seguravam e tentavam se equilibrar durante os solavancos das longas viagens). Aquilo, pra mim, é a própria senzala. Se você considerar que está num trem lotado, sem se movimentar direito, com pessoas esbarrando em você depois de um dia cansativo de trabalho, muitas vezes morrendo de calor sem o conforto de um ar condicionado, não difere muito de um navio negreiro. Não consigo enxergar muita diferença (Leon, 2021).

Kelly inicia sua narrativa trazendo o racismo como parte constituinte do transporte público. Seu modo de gerar inteligibilidade sobre os trens mobiliza um léxico que aponta para a presença constituinte de uma violência no sistema ferroviário carioca. E isso, segundo ela, se dá em virtude da população que majoritariamente faz uso dos trens: "são quase todos negros", afirma Kelly. Diferentemente de Max, que entextualiza o açoite para falar do racismo sem mencionar a palavra racismo, Kelly faz uma menção direta à palavra. Em seguida, ela atesta que a reencenação colonial está em curso cotidianamente na vida de corpos negros, sendo performada através de negações de uma vida digna, como fica evidente em sua fala ao equiparar o trem à senzala e aos navios negreiros — "no vestígio, o passado que não passou reaparece, sempre, para romper o presente (Sharpe, 2021, p. 25). Sendo assim, o cenário relatado por Kelly reforça que "[...] colonialismo e racismo se constituíram enquanto aparato global de destruição de corpos, mentes e

espíritos” (Carneiro, 2023, p. 89) em diferentes tempos-espacos que se entrelaçam como um só.

Com base no que foi apresentado a respeito das falas de Max e Kelly, é possível considerar que eles estão no controle da entextualização, o que lhes confere um poder de criar a realidade apesar de estarem em uma posição de desvantagem social. O trabalho semiótico de Max e Kelly de contextualizar suas experiências como uma vida no vestígio os permite, por meio da linguagem, equilibrar disputas de poder e levar ao questionamento: quem representa o perigo? A invenção da raça policia o entendimento do que seria considerado classes perigosas (McClintock, 2010, p. 20), contudo Max e Kelly subvertem o entendimento normativo ao, discursivamente, desviarem do corpo negro uma conjectura que traça relações indexicais de periculosidade — eles não representam o perigo, vivem o perigo, que é representado em suas vozes por um corpo não racializado.

Há um enquadramento de inteligibilidade da realidade social compartilhado por Max e Kelly, visto que a narrativa de Kelly contextualiza o transporte ferroviário tal qual Max contextualiza as agressões que sofreu de Sandra: uma violência que é imputada em virtude da raça. Se Max não fosse negro, relacionaria ele sua vivência à escravidão? Se Kelly não fosse negra, relacionaria ela também sua vivência à escravidão? Por que eles atribuem sentido às suas vivências de modo tão similar e categórico? Porque são racializados e parece ser impossível fugir disso, suponho. Quando a escravidão, que vem sendo descrita por pesquisadores e escritores comprometidos com escovar a história a contrapelo (Benjamin, 1996) e contar as barbáries que foram apagadas pelos livros de História, é revisitada e utilizada para ajudar a significar as violências cotidianas vividas por pessoas racializadas, esse movimento conflagra passado e presente como um só, de forma espiralar (Martins, 2002), sinalizando a indissociabilidade entre colonialismo, escravidão, racismo e contemporaneidade.

A pintura *Navio negreiro*, de Johann Moritz Rugendas, invade meus pensamentos quando Kelly usa como referência suas próprias experiências de vida para caracterizar o cotidiano de pessoas racializadas, assim como quando me deparei com a capa do Jornal Extra que compara as experiências dos passageiros dos trens à pintura de Debret. De tal modo, o racismo pauta-se como questão não só de uma parcela da população, mas da vida social; logo, a responsabilidade de reconhecer e combatê-lo recai sobre o colo de todos.

Ser uma pessoa racializada e operar com um enquadramento de inteligibilidade da realidade social que fornece pistas que relacionam situações cotidianas como violências é um modo de reconhecer sua existência no vestígio — colonialismo, colonialidade; escravidão, racismo e contemporaneidade estão entrelaçados de modo intrínseco; não é possível pensar um sem outro, pois uma coisa evoca outra.

O projeto colonial criou uma economia de significados que regula a partir da raça modos de se comportar e estabelece que o corpo racializado é o corpo que deve ser exterminado — como salienta Angela Donini (2020, p. 53), “[...] vale destacar que esse extermínio ocorre em práticas de violência física, mas também psicológica, ele opera tanto nas dimensões visíveis quanto nas invisíveis”. O corpo negro, no Brasil contemporâneo, precisa sobreviver às reencenações coloniais cotidianas e ao trauma colonial (Donini, 2020). Os efeitos disso precisam ser levados em conta quando pensamos nas estratégias discursivas que entextualizam a escravidão e contestam sua reiteração no cotidiano, simultaneamente, nos permitindo ver o vestígio e ter uma ideia de como é viver no vestígio. Devemos, portanto, questionar

que atitudes práticas ainda são necessárias para desobstruir os aprisionamentos materiais e simbólicos gerados pelo trauma colonial decorrente da [...] interdição do presente, o sequestro do futuro e a imposição de seu mundo como universal (Donini, 2020, p. 53-54).

Então, sim, o tempo da escravidão acabou, como disse Max em uma de suas entrevistas à TV Globo. No entanto, é necessário destacar que, como pontua Muniz Sodré (2023, p. 121), a estrutura escravista acabou com a Abolição, mas deu lugar a um esquema existencial que pode ser nomeado como forma social escravista, que é derivada de relações espaço-temporais com o afro-brasileiro e implica, no limite, uma máscara ou uma maquiagem da discriminação racial. Dessa forma, determinados discursos e atitudes podem “constituir ‘gatilhos’ representacionais que acionam a forma social” (Sodré, 2023, p. 125) e, portanto, não à toa que o arquivo colonial é diariamente (re)vivido. Logo, o discurso das vozes aqui analisadas entra em disputa na arena semiótica, contestando o acionamento da forma social que remonta comportamentos escravocratas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Banton (2010, p. 24), "a raça, como a classe e a nação, foi um conceito desenvolvido primeiramente na Europa para ajudar a interpretação de novas

realidades sociais". A raça é entendida, como pudemos ver nos dados aqui apresentados, enquanto uma forma de interpretar e construir realidades sociais — e, sem ela, a entextualização da escravidão seria vazia de sentido. A raça é mobilizada como uma forma de caracterizar os produtos de sua criação, pois a raça é um complexo discursivo. Portanto, suas propriedades são passíveis de serem manipuladas a favor de quem se utiliza de sua existência — isso é poder.

Para Foucault (2014), poder é algo que se deseja apropriar, pois é através dele que a transformação social é capaz de acontecer, tanto para o bem quanto para o mal; o poder conjura a tirania, mas também a resistência: onde há poder, há a possibilidade de oprimir e de resistir à opressão. Ambas as possibilidades compartilham a mesma força, apesar de serem capazes de provocar efeitos diferentes. E esses efeitos, uma vez prospectados no que chamamos de realidade, iluminam um campo de significados que nos permitem gerar inteligibilidade sobre o mundo.

As formas de gerar inteligibilidade sobre o mundo estão imbricadas em dinâmicas discursivas que, por sua vez, estão imbricadas em jogos de linguagem. A linguagem desempenha um papel crucial não só no entendimento, mas na criação do mundo e das realidades sociais que o compõem. Assim, discursos trabalham a favor e contra significados, dado que estão em disputa. Visto que discurso é poder, quando um significado é normalizado através da repetição, ele está ganhando uma disputa ideológica. Aqui, tentei priorizar e ventilar uma significação do mundo construída por pessoas racializadas, que serve como modo de reconhecer e resistir à opressão do racismo: a presença da encenação colonial no cotidiano contemporâneo.

Se a colonialidade é parte do cotidiano, a vida social é palco de uma encenação constante e incessante de valores racistas e colonialistas. A encenação colonial se emaranha em meio à banalidade do dia a dia, sendo um traço constitutivo de nossa sociedade. Aqueles que são subjugados por ela, precisando viver com a assombração do fardo da raça, estabelecem relações indexicais e entextualizações que dão vista à sua presença em meio a uma presumida ausência. Partindo deste entendimento, é possível afirmar que há práticas de entextualização características de determinados grupos sociais — o colonialismo é comumente entextualizado pela população racializada como um recurso de combate à reencenação de uma realidade que foi desmantelada por seus

ancestrais e, simultaneamente, reconhecimento de desvantagens sociais e de violências apagadas por quem não as reconhece como tal.

Sendo assim, a subjugação racial se serve de um panorama colonialista consolidado. A população racializada mostra sua consciência acerca disso e, discursivamente, estabelece conexões que endossam a dificuldade de fugir de tal realidade por mais que se queira evitá-la, e reivindicam autoridade discursiva para ter uma dor legitimada, bem como uma humanidade, que é incessantemente limada. Por isso, tenho a impressão de que viver no vestígio é, além de um exercício constante de sobrevivência, um exercício de letramento do mundo, e, inescapavelmente, uma forma de reconhecimento identitário.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, John. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Trad. Danilo Marcondes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BANTON, Michael. **A ideia de raça**. Trad. António Marques Bessa. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles. Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. In: **ILHA — Revista de Antropologia** (UFSC). Trad Vânia Z. Barroso. n. 8, v. 1, (2006 [1990]).

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BORBA, Rodrigo; MILANI, Tommaso. (2019) Colonial intertexts: Discourses, bodies and stranger fetishism in the Brazilian media. In: **Discourse Context & Media**, v. 30, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão de identidade. Trad. Renato Aguiar. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** Trad. Sérgio Tadeu de Nicmeyer Limarão e Arnaldo Marques da Cunha. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de Racialidade** — a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

DANESI, Marcel. **Messages, signs and meanings: a basic textbook in semiotics and communication**. Toronto: Canadian Scholars Press, 2004.

DERRIDA, Jacques. **Limited inc**. Campinas: Papirus, 1991.

DONINI, Angela. Escavações para lidar com as ruínas e os soterramentos decorrentes do trauma colonial. **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 51–62, 2020. DOI: 10.12957/ek.2019.48543. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/Ekstasis/article/view/48543>. Acesso em: 02 mar. 2024.

Enraizando o antirracismo nas favelas: desconstruindo narrativas sociais sobre racismo no Rio de Janeiro. **RioOnWatch**, Rio de Janeiro, 05 jan. 2021. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=52766>. Acesso em 01 nov. 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed., São Paulo: Edições Loyola, 2014 [1970].

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** - Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.

LEON, Fabio. Todo trem da Supervia tem um pouco de navio negreiro. **RioOnWatch**, Rio de Janeiro, 03 fev. 2021. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=53323>. Acesso em 01 nov. 2023.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Trad. Sebastião Nascimento. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2022.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: N-1 edições, 2020.

McCLINTOCK, Anne. **Couro imperial**: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Trad. Plínio Dentzien. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

SHARPE, Christina. **No vestígio** — negridade e existência. Trad. Jess Oliveira. Ubu Editora: São Paulo, 2023.

SILVERSTEIN, Michael. Shifters, linguistic categories, and cultural description. In: BASSO, Keith; SELBY, Henry. **Meaning in Anthropology**. Albuquerque: University of New Mexico Press, p. 11-55.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor** — uma radiografia do racismo nacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

AGRADECIMENTOS

Somos gratos aos professores Rodrigo Borba e Everton Rangel pelas valiosas sugestões a versões anteriores deste artigo. Agradecemos também à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pela bolsa de doutorado nota 10 (processo E-26/202.342/2024) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado (processo 88887.804526/2023-00), as quais possibilitaram o desenvolvimento de parte da pesquisa aqui relatada.